

Participação política e gênero

Revisão teórica

“Lugar de mulher é dentro de casa, cuidando dos filhos, fazendo comida para o marido e zelando pelo lar”. Tal afirmação soaria com muita naturalidade há cerca de 40 anos atrás. Hoje a realidade é muito diferente. Cada vez mais as mulheres têm ocupado um espaço que outrora não lhes pertencia: espaço no mercado de trabalho, no acesso à educação, na arena social e política. Conforme Tatau Godinho, a participação das mulheres na população economicamente ativa cresceu de 20% em 1970 para 36,9% em 1985, e depois desse ano o crescimento foi ainda maior. O nível de escolaridade feminino aumentou significativamente. Na arena política, a participação feminina nas eleições cresceu de 35,4% em 1974 para 50,4% em 1990.

Sem sombra de dúvidas, o papel social da mulher mudou e continua sofrendo alterações. Contudo ainda questionamos como tem sido essa nova atuação da mulher. Será que a participação política das mulheres ocorre na mesma intensidade que a masculina? Como se dá a participação feminina?

Alguns estudos revelam que as mulheres, mesmo aquelas que chegam a assumir um cargo político, ainda estão submetidas à rotulação de que a mulher está relacionada à vida privada. Tatau Godinho coloca em evidência que “na sociedade atual, a separação entre o público e o privado, que atribui às mulheres o papel primordial na família e na reprodução, aprofunda uma divisão sexual do trabalho que determina as formas com que as mulheres se inserem no espaço público, privando-as das condições de exercerem igualdade de condições com os homens, a participação social e política. Esta divisão modela os papéis sociais e os comportamentos diferenciados por gênero; molda uma cultura patriarcal em que a construção da vida, da identidade das mulheres se conforma pela alteridade, pela complementação do homem; estrutura o poder patriarcal sobre as mulheres, tanto no espaço público quanto na vida privada e estabelece como as relações entre homens e mulheres se cristalizam de forma hierárquica nas instituições”. Apesar das mudanças sociais, ainda se espera das mulheres que sejam tão somente namoradas, esposas e mães.

Para discutir a questão da participação feminina, Márcia Couto analisa a atuação de um grupo de mães do Recife: o Grupo de Mães do Alto da Favela, situado no Vasco da Gama, bairro periférico da Zona Norte. Couto nos alerta para o fato de que trabalhar com **gênero** implica a adoção do significado relacional localizado no âmago da categoria e da vinculação fundamental entre relações de gênero e poder. Márcia Couto cita Scott, quando este afirma que “*o gênero é um elemento constitutivo de relações sociais baseado nas diferenças percebidas entre os sexos, o gênero é uma forma primeira de significar as relações de poder*”.

Couto percebe que o próprio nome da associação - Grupo de Mães do Alto da Favela – já remete ao papel de mãe, dona de casa e esposa. Isto em um primeiro momento poderia configurar a manutenção dos padrões de exclusão feminina do meio público. Contudo a participação comunitária a favor de um projeto de transformação social abre a possibilidade de se rever a percepção das esferas pública e privada, e, conseqüentemente, abre a possibilidade também de se alterar as relações de gênero. Couto afirma: “deve-se considerar que público e privado não constroem masculino e feminino, embora ambas as instâncias tenham influência maior ou menor na conformação das identidades de gênero. Assim, nenhum gênero possui a exclusividade da experiência, dos símbolos e dos valores que freqüentemente são associados a estas instâncias. Dito de um outro modo - e seguindo o conselho de Sorj (1992) -, se o pensamento trabalha em termos de oposições, a busca é a de não transformá-las em camisa de força, ou mesmo inverter uma hierarquia de valor. Ao contrário, a tentativa seria a de aprofundar a visão do quanto estas esferas/instâncias estão imbricadas na vida social, o feminino no masculino, o público no privado e assim sucessivamente.”

Um trabalho semelhante ao que propomos já foi feito anteriormente, o qual acabou dando um certo direcionamento ao nosso estudo. Fátima Anastásia, Carlos Ranulfo e Felipe Nunes¹ da UFMG, tomaram o *Survey da Região Metropolitana de Belo Horizonte* para analisar a participação política no local. O trabalho feito foi o de usar os dados do Survey para pensar a participação política e o seu inverso, a apatia. Foram observadas as motivações para se participar e os tipos de movimentos nos quais as pessoas se envolvem.

¹ Fátima Anastásia e Carlos Ranulfo Melo são professores do Departamento de Ciência Política da UFMG. Felipe Nunes é aluno do Curso de Ciências Sociais da FAFICH-UFMG e bolsista do PAD.

Dentre as conclusões que foram obtidas nesse estudo, gostaríamos de ressaltar algumas, que consideramos mais significativas. Primeiramente, foi verificado que, de fato, há uma correlação positiva entre o aumento da renda e da escolaridade e a propensão à participação política. Pode-se dizer também que o interesse em participar aumenta conforme aumenta o grau de informação. Outro aspecto interessante é que a variável mais citada como motivação à apatia foi a falta de recursos, principalmente o tempo. Finalmente, nas palavras dos autores, “em que pese as correlações positivas que se espera encontrar, em uma sociedade como a brasileira, entre níveis de renda, escolaridade e informação, vale ressaltar que cada uma destas variáveis produz diferentes impactos sobre o comportamento político dos indivíduos. Assim, indivíduos que reportaram alta renda familiar tendem a apresentar padrão mais condizente com o perfil olsoniano: participam quando percebem a possibilidade de auferir algum ganho individual (motivação egoísta) e, em geral, demonstram menor interesse pela participação do que aqueles com renda mais baixa. Já a motivação normativa pode ser encontrada mais facilmente entre os indivíduos com altos graus de escolaridade”.

Objetivos e hipóteses

O objetivo deste trabalho é analisar a participação política de acordo com o gênero na Região Metropolitana de Belo Horizonte. Neste nos propomos a verificar:

1. Se há uma diferença na intensidade da participação política masculina e feminina;
2. Se há diferenças relativas à participação devido ao nível educacional de cada grupo (homens e mulheres);
3. Se há diferenças quanto às motivações para participação de cada grupo (homens e mulheres).

Nossas hipóteses são:

1. Há uma diferença na intensidade da participação política (número de participantes) masculina e feminina;
2. Tanto os homens quanto as mulheres com maior nível educacional participam politicamente com mais intensidade. Isto é, o número de homens que participa politicamente é maior no grupo de homens com maior nível educacional. E o mesmo ocorre com as mulheres.
3. Há uma diferença quanto às motivações para participação de cada grupo (homens e mulheres)

Destacamos que a variável participação política foi construída englobando o seguinte conjunto de entidades:

- Entidade/associação ligada à defesa dos direitos humanos (mulheres, crianças e adolescentes, idosos, homossexuais, negros, portadores de deficiências, outra);
- Entidade/associação ligada à defesa dos consumidores;
- Grupos de Fé e Política;
- Associações Comunitárias (ligadas a questões de moradia, melhoramentos urbanos, etc);
- Partido Político;
- Entidade/associação ligada a questões específicas (saúde, educação, meio ambiente, cultura, outra);
- Entidades empresariais e patronais;
- Entidade Estudantil;
- Sindicato de Trabalhadores;
- Associação Profissional

Teste de hipóteses:

O primeiro ponto que analisamos é a frequência da participação política daqueles que responderam o questionário do BH Survey.

Tabela 1

Frequência de homens e mulheres que responderam o questionário			
Homem	N	Valid	408
		Missing	0
Mulher	N	Valid	620
		Missing	1

Daqueles que responderam a pesquisa do BH Survey 408 são homens e 620 são mulheres. De acordo com a tabela 1.2, podemos ver a quantidade dos homens e mulheres que participam ou não dentro destes universos.

Tabela 1.2

Frequência da participação política dos homens e das mulheres						
Sexo			Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulativ e Percent
Homem	Valid	nao participa	328	80,4	80,4	80,4
		participa	80	19,6	19,6	100,0
		Total	408	100,0	100,0	
Mulher	Valid	nao participa	513	82,6	82,7	82,7
		participa	107	17,2	17,3	100,0
		Total	620	99,8	100,0	
	Missing	System	1	,2		
	Total		621	100,0		

A partir da análise da tabela 1.2, podemos observar que não há uma diferença significativa entre o percentual de homens que participam (19,6%) e o percentual de mulheres que participam (17,3%) no que se refere ao banco de dados.

A fim de verificar se tal padrão de participação também ocorre na população, fizemos o teste “Qui-quadrado de Independência” com as variáveis sexo e participação política. Neste teste nossas hipóteses são:

Hipótese nula: a participação política entre homens e mulheres é igual na Região Metropolitana de Belo Horizonte.

Hipótese alternativa: a participação política entre homens e mulheres é diferente na Região Metropolitana de Belo Horizonte.

Tabela 2

Qui-quadrado de Independência – participação política e sexo					
	Value	df	Asymp. Sig. (2-sided)	Exact Sig. (2-sided)	Exact Sig. (1-sided)
Pearson Chi-Square	.913	1	.339		
Continuity Correction	.762	1	.383		
Likelihood Ratio	.907	1	.341		
Fisher's Exact Test				.364	.191
Linear-by-Linear Association	.912	1	.340		
N of Valid Cases	1028				

Observando os dados da tabela 2, percebemos que a relação entre participação política e sexo não é estatisticamente significativa uma vez que o valor do Pearson (0,339) é maior do que 0,05. Desta forma, aceitamos a hipótese nula de que a participação política dos homens e das mulheres é igual na população da Região Metropolitana de Belo Horizonte.

Participação Política, gênero e nível educacional

Neste tópico estudamos a relação entre participação política, nível educacional e gênero. Primeiramente, analisamos se o nível educacional influencia a participação política de forma geral e depois observamos como se dá a relação entre participação política e nível educacional no grupo dos homens e no grupo das mulheres.

Para analisar a relação entre participação política e nível educacional fizemos uma tabela de contingência utilizando as variáveis *grau de escolaridade* e *participação política*.

Tabela 3

Tabela de contingência – grau de escolaridade e participação política				
		Participação política		Total
		não participa	participa	
grau de escolaridade	primeiro grau (1)	436	44	480
	segundo grau (2)	205	52	257
	terceiro grau (3)	68	45	113
Total		709	141	850

- (1) Regular do primeiro grau, supletivo do primeiro grau e alfabetização de adultos.
- (2) Regular do segundo grau, supletivo do segundo grau, técnico e pré-vestibular.
- (3) Universidade/Superior, especialização e pós-graduação ou mestrado.

De acordo com a tabela 3, das 480 pessoas que estão no primeiro grau 436 (90,8%) não participam politicamente e 44 (9,2%) participam politicamente. Entre as 257 pessoas que estão no segundo grau 205 (80%) não participam politicamente e 52 (20%) participam politicamente. Já entre as 113 pessoas do terceiro grau 68 (60%) não participam politicamente e 45 (40%) participam. Desta forma, encontramos no banco de dados uma relação entre as variáveis *grau de escolaridade* e *participação política*, ou seja, à medida que o grau de escolaridade aumenta, cresce também o número de pessoas que participam politicamente.

Para verificarmos se há uma relação entre grau de escolaridade e participação política na Região Metropolitana de Belo Horizonte, utilizamos o “Qui-quadrado de Independência”. Neste teste, nossas hipóteses são:

Hipótese nula: não há uma relação entre as variáveis *grau de escolaridade* e *participação política* na Região Metropolitana de Belo Horizonte.

Hipótese alternativa: há uma relação entre as variáveis *grau de escolaridade* e *participação política* na Região Metropolitana de Belo Horizonte.

Tabela 3.1

Qui-quadrado de Independência – grau de escolaridade e participação política			
	Value	df	Asymp. Sig. (2-sided)
Pearson Chi-Square	65,664	2	,000
Likelihood Ratio	58,884	2	,000
Linear-by-Linear Association	62,435	1	,000
N of Valid Cases	850		

Observando os dados da tabela 3.1, percebemos que a relação entre participação política e grau de escolaridade é estatisticamente significativa uma vez que o valor do Pearson (0,000) é menor do que 0,05. Desta forma, rejeitamos a hipótese nula e aceitamos a hipótese alternativa de que há uma relação entre as variáveis *grau de escolaridade* e *participação política* na Região Metropolitana de Belo Horizonte. Isto significa que, à medida que aumenta a escolaridade, há um acréscimo no número de pessoas que participam politicamente na Região Metropolitana de Belo Horizonte.

Após realizar este teste, verificamos se tal relação permanece quando separamos o banco pela variável sexo. Para tanto, utilizamos o “Qui-quadrado de Independência” relacionando grau de escolaridade, participação política e sexo. As hipóteses deste teste são:

Hipótese nula: não há uma relação entre as variáveis *grau de escolaridade* e *participação política* em cada grupo (homens e mulheres) na Região Metropolitana de Belo Horizonte.

Hipótese alternativa: há uma relação entre as variáveis *grau de escolaridade e participação política* em cada grupo (homens e mulheres) na Região Metropolitana de Belo Horizonte.

Tabela 3.2

Qui-quadrado de Independência – grau de escolaridade participação política e sexo				
Sexo		Value	df	Asymp. Sig. (2-sided)
Homem	Pearson Chi-Square	25,309	2	,000
	Likelihood Ratio	24,163	2	,000
	Linear-by-Linear Association	20,700	1	,000
	N of Valid Cases	342		
Mulher	Pearson Chi-Square	42,544	2	,000
	Likelihood Ratio	36,446	2	,000
	Linear-by-Linear Association	42,250	1	,000
	N of Valid Cases	508		

De acordo com a tabela 3.2, podemos ver que a relação entre grau de escolaridade e participação política permanece significativa tanto para os homens quanto para as mulheres, uma vez que o valor de Pearson nos dois casos (0,000) é menor do que 0,05. Constatamos uma relação de dependência entre grau de escolaridade e participação política tanto no sexo masculino como no sexo feminino.

Desta forma, rejeitamos a hipótese nula e aceitamos a hipótese alternativa de que há uma relação entre as variáveis *grau de escolaridade e participação política* em cada grupo (homens e mulheres).

Além de ter verificado a relação anterior, entendemos que é importante demonstrar o quanto a educação influencia a participação política tanto no sexo masculino como no sexo feminino. A fim de analisarmos o quanto a escolaridade influencia a participação política de forma geral fizemos uma correlação entre as variáveis *anos de estudo e participação política*.

Tabela 4

Correlação – anos de estudo e participação política			
		ANOSESCO	Participação política
ANOSESCO	Pearson Correlation	1	,249
	Sig. (2-tailed)	,	,000
	N	1029	1028
Participação política	Pearson Correlation	,249	1
	Sig. (2-tailed)	,000	,
	N	1028	1028

** Correlation is significant at the 0.01 level (2-tailed).

De acordo com a tabela 4, notamos que há uma correlação positiva entre anos de estudo e participação política, ou seja, quanto mais anos de estudo, maior é o número de pessoas que participam politicamente. Os anos de estudo explicam 24,9% da participação política na Região Metropolitana de Belo Horizonte.

Após termos constatado esta correlação positiva, procuramos ver se tal padrão permanece no grupo dos homens e no grupo das mulheres.

Tabela 4.1

Correlação anos de estudo, participação política e sexo				
Sexo			ANOSESCO	Participação política
Homem	ANOSESCO	Pearson Correlation	1	,235
		Sig. (2-tailed)	,	,000
		N	408	408
	participação política	Pearson Correlation	,235	1
		Sig. (2-tailed)	,000	,
		N	408	408
Mulher	ANOSESCO	Pearson Correlation	1	,258
		Sig. (2-tailed)	,	,000
		N	621	620
	participação política	Pearson Correlation	,258	1
		Sig. (2-tailed)	,000	,
		N	620	620

** Correlation is significant at the 0.01 level (2-tailed).

De acordo com a tabela 4.2, os anos de estudo explicam 25,8% da participação política feminina na Região Metropolitana de Belo Horizonte e 23,5 % da participação

política masculina na mesma região. Isto é, quanto maior a quantidade de anos de estudos, maior é o número de homens e mulheres que participam politicamente.

Destacamos que não há uma diferença grande entre homens e mulheres no que se refere ao quanto a variável *anos de estudo* explica a participação política.

Participação política, gênero e motivação

Neste tópico, abordamos o que motiva homens e mulheres a participar politicamente. Primeiramente olhamos a frequência da variável *motivo para participar da entidade, grupo ou partido em que participa mais* de acordo com o sexo.

Tabela 5

Frequência – sexo e motivação						
Sexo			Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Homem	Valid	Vontade de ajudar os outros	49	12,0	29,3	29,3
		Cooperar com o seu grupo na busca de melhorias,	10	2,5	6,0	35,3
		Cooperar nas melhorias coletivas sua cidade/país/mundo	27	6,6	16,2	51,5
		Porque lhe beneficiava de alguma maneira	36	8,8	21,6	73,1
		Defender as idéias que acredita, ou acha justo.	33	8,1	19,8	92,8
		Motivos religiosos	7	1,7	4,2	97,0
		Lazer/Amizade	3	,7	1,8	98,8
		NR	2	,5	1,2	100,0
		Total	167	40,9	100,0	
		Missing	SI	3	,7	
	NA	238	58,3			
	Total	241	59,1			
	Total	408	100,0			
Mulher	Valid	Vontade de ajudar os outros	118	19,0	42,0	42,0
		Cooperar com o seu grupo na busca de melhorias,	29	4,7	10,3	52,3
		Cooperar nas melhorias coletivas sua cidade/país/mundo	16	2,6	5,7	58,0
		Porque lhe beneficiava de alguma maneira	48	7,7	17,1	75,1
		Defender as idéias que acredita, ou acha justo.	57	9,2	20,3	95,4
		Motivos religiosos	8	1,3	2,8	98,2
		Lazer/Amizade	1	,2	,4	98,6
		NR	4	,6	1,4	100,0
		Total	281	45,2	100,0	
		Missing	SI	4	,6	
	NA	336	54,1			
	Total	340	54,8			
	Total	621	100,0			

De acordo com a tabela 5, os dois principais motivos para as mulheres participarem de entidades, grupos e partido político são a *vontade de ajudar os outros* (42%) e *defender as idéias que acredita ou acho justo* (20,3%). Desta forma, pelas diferenças de porcentagens, acreditamos que a mulher constitui um comportamento do “tipo altruísta” no que se refere à participação política.

No grupo dos homens, o principal motivo para participar de entidades, grupos e partido político também é a vontade de ajudar os outros. No entanto, a porcentagem deste motivo (29,3%) é bem menor do que no grupo das mulheres. Percebemos também que a motivação masculina para participar se encontra bem dividida. (a segunda principal motivação *porque lhe beneficiava de alguma maneira* representa 21,6% dos motivos masculinos e a terceira *defender as idéias que acredita ou acha justo* representa 19,8%)

Para estendermos esta análise para a população da Região Metropolitana de Belo Horizonte, testamos se há uma independência entre as variáveis *sexo* e *motivação política*² (Qui-quadrado de independência):

Hipótese nula: há uma independência entre as variáveis *sexo* e *motivação política* na Região Metropolitana de Belo Horizonte.

Hipótese alternativa: há uma dependência entre as variáveis *sexo* e *motivação política* na Região Metropolitana de Belo Horizonte.

Tabela de Contingência – participação política e sexo								
Motivo para participara da entidade, grupo ou partido em que participa mais								Total
		Vontade de ajudar os outros	Cooperar com o seu grupo na busca de melhorias,	Cooperar nas melhorias coletivas sua cidade/país /mundo	Porque lhe beneficiava de alguma maneira, ou para	Defender as idéias que acredita, ou acha justo.	Motivos religiosos	
Sexo	Homem	49	10	27	36	33	7	162
	Mulher	118	29	16	48	57	8	276
Total		167	39	43	84	90	15	438

² Excluimos a motivação *lazer*, pois ela apresenta menos de cinco casos.

Qui-quadrado de independência - sexo e motivação política			
	Value	df	Asymp. Sig. (2-sided)
Pearson Chi-Square	20,476	5	,001
Continuity Correction			
Likelihood Ratio	20,139	5	,001
Linear-by-Linear Association	5,015	1	,025
N of Valid Cases	438		

De acordo com a tabela, o valor do Pearson (0,001) é menor do que 0,05. Desta forma, podemos rejeitar a hipótese nula e aceitar a alternativa de que há uma dependência entre as variáveis *sexo* e *motivação política* na Região Metropolitana de Belo Horizonte. Isto significa que, na Região Metropolitana de Belo Horizonte, há uma diferença entre homens e mulheres no que se refere à motivação para participar politicamente.

Conclusão:

A hipótese de que *há uma diferença na intensidade da participação política (número de participantes) masculina e feminina* na Região Metropolitana de Belo Horizonte não foi corroborada. As demais hipóteses, para o universo pesquisado, de que *tanto os homens quanto as mulheres com maior nível educacional participam mais e de que há uma diferença quanto às motivações para participação de cada grupo (homens e mulheres)* foram aceitas.

Sendo assim, destacamos que a intensidade (o número de homens que participam) com que os homens participam politicamente na Região Metropolitana de Belo Horizonte pode ser considerada igual à intensidade (número de mulheres) com que as mulheres participam politicamente na mesma região. Tanto a intensidade (número de participantes) da participação política masculina como a da feminina na Região Metropolitana de Belo Horizonte crescem à medida que aumenta o nível educacional dos homens e das mulheres. E, por último, a motivação para participação política masculina na Região Metropolitana de Belo Horizonte difere da motivação para participação política feminina na mesma região.

Bibliografia

Anastasia, Fátima; Melo, Carlos Ranulfo; Nunes, Felipe. *Participação política na região metropolitana de Belo Horizonte*.

Santos, José Alcides Figueiredo. Classe social e desigualdade de gênero no Brasil. (Artigo apresentado na XXIX encontro anual da Anpocs realizado em 2005).

Godinho, Tatau. *Mulher na direção*. In Revista Teoria & Debate (td nº 14 (abr/mai/jun 1991)).

Pedro, Joana Maria *As mulheres e a separação das esferas*.

Referência: http://www.dhi.uem.br/publicacoesdhi/dialogos/volume01/vol04_mesa2.htm

Couto, Márcia Thereza. *O significado da ação política feminina nos anos 90: uma análise do “grupo de mães do alto da favela”* (parte da dissertação intitulada “*Eu nem me reconheço daquela que eu era - (Re)Definindo Espaços: Mulheres, Ação Política e Relações de Gênero*”, defendida em março de 1996 como requisito para a obtenção do grau de mestre pelo Mestrado em Antropologia da Universidade Federal de Pernambuco)

Universidade Federal de Minas Gerais
Departamento de Sociologia e Antropologia
Metodologia II

Participação política e gênero na Região Metropolitana de Belo Horizonte

Professora: Danielle Fernandes

Alunas: Ana Clotilde
Ana Luíza
Nathália Miranda

Belo Horizonte, dezembro de 2005